

EXPOSICAO
FOTOGRAFICA
ITINERANTE

NEGRO INTERIOR

Se Cultura não é ilusão,

TODOS SOMOS NEGROS

Por Luiz Felipe Nunes

É preto no branco. Tá bom, o leitor pode dizer que essa primeira frase é mais uma máxima preconceituosa criada.

Pois bem, o preconceito, o pré-conceito tem boa porção na cultura do outro — como ele recebe, interpreta e cria valores sobre aquilo que é dito, não dito, insinuado, sinalizado.

No começo desse ano, ao aceitar convite para treinar o clube de futebol do Bahia, o ex-jogador Renato Gaúcho teve desenterrada história, pela empobrecida imprensa esportiva, em que disse que “os baianos eram índios”. Sem graça, Renato se desculpou...

Depois, a mesma “grande” mídia entrevistou baianos que, em sua maioria, ensaiavam (pasmem!) um revanchismo quanto a essa “desvalorização” do povo baiano.

Calma lá meu povo! Vamos pensar um pouquinho só: quando se convencionou que ser chamado de “índio” é algo pejorativo? Século XIV? Qual a função desse arquétipo, na época? Escravizar índios para fazer andar a máquina colonial e juntar: dinheiro! Isso, o mesmo valor (das terras ao ouro e às doletas verdinhas) que a “grande” mídia, hoje, busca.

Por fim, é para colaborar com a mudança desse quadro que a AGCIP, dentre outras ações, criou a Expo Negro Interior em 2007 que, mesmo modesta, percorreu cerca de 20 cidades. ▶



Aparecido Alexandre, o Cidinho Gaúcho: é de Monte Alto o modelo fotográfico voluntário desde o primeiro material da exposição, em 2007. Demonstra orgulho em representar o negro do interior paulista

A Negro Interior trabalha com a premissa de que o povo brasileiro é formado por contribuições indígenas, negras e europeias, que formam o panteão de modos de viver — aqui no interior com a criação da figura do “rural-caipira”, segundo o estudioso Antonio Candido.

Ora, não somos apenas laços de sangue: construímos-nos enquanto seres pela cultura (culinária, vestimentas, falares, música, esporte, etc.) que absorvemos, ligada ao espaço geográfico em que nos encontramos, tradições e crenças familiares e, hoje, pelos espaços virtuais que frequentamos. Nesse sentido, descartando certos saberes e fazeres e incorporando/ressignificando outros, somos frutos dessas três matrizes culturais — quando não realçadas, transformadas por outros costumes mais.

Assim, como alguém pode sentir que ofendeu — ou pior: como alguém se sente ofendido? — ao ser chamado de “índio”, no

sentido de “atraso”, “involução”? É baseada nessa questão que a Negro Interior, sem querer pagar uma “dívida histórica” com os afro-brasileiros ou criar resistências/guerrilhas ideológicas: quer mostrar quem foi o negro que viveu no interior paulista.

Pessoas anônimas? Alguns podem considerar os retratados dessa forma. Mas é anônimo quem constrói história? Mesmo que seja a sua própria (que sugere pôr alguns tijolinhos também na história dos outros a sua volta)?

Saltando esses tabus, a Negro Interior mostra um pouco da nossa história. Nossa. Porque se você vive nesse emaranhado de realidades regionais que formam a cultura brasileira, você é negro. Pode crer.

A NEGRO

Após ser inaugurada em Sertãozinho, em maio de 2007, com seis cidades participantes, a exposição fotográfica itine-

rante Negro Interior percorreu 20 municípios, em dois anos, até chegar à Festa do Peão de Barretos, em mais uma ação de parceria cultural com a associação Os Independentes.

Lá, dois momentos foram significativos: o contato com técnicos do Sistema Estadual de Museus, o SISEM, quando já se projetava uma parceria futura, com o Governo do Estado, para um plus na exposição; o outro é de origem meteorológica: uma tempestade de vento e chuva na primeira noite de Festa do Peão — contrariando o clima seco presente em décadas de evento — acabou por danificar parte do acervo.

Onda Branca é Distrito da cidade de Nova Granada, formada por um rua apenas, que dá passagem entre o município e a cidade de Palestina. Lá, José Figueiredo de Lima, o “Juca” tinha uma propriedade de 30 alqueires, com casas para duas famílias que ajudavam a cuidar do cafezal e das roças. Em uma delas morava o negro Nhô Efigênio, que não trabalhava mais pela idade. Amigo da família, o professor de desenho do Colégio Estadual de Nova Granada, Manoel Martho, numa das visitas à fazenda de Juca (que está na foto, em pé) conheceu Nhô Efigênio, grande contador de causos, já que foi escravo. Prof. Manoel, então, retratou Efigênio em pintura, sendo retratado por uma fotografia. O ano é 1.957. Consta que Nhô Efigênio morreu aos 106 anos. Ainda na foto: Vera Lúcia Figueiredo, Isabel Figueiredo de Lima Tercino e Júlia Rosa Figueiredo.



Foi o salto: a AGCIP já precisava reformatar as fotos e incluir mais cidades participantes; logo, enviou projeto à Cultura do Estado, através do SISEM.

Com o projeto aprovado, uma das mais antigas e sólidas iniciativas da AGCIP volta a itinerar pelo estado: passará por São Carlos, Araçatuba, Ubatuba e Barretos, no período de maio a dezembro deste ano.

A previsão de término da itinerância esta marcada para a segunda quinzena de dezembro, quando ficará na sede da AGCIP, em Monte Alto, esperando o calendário de 2011.

Novamente digitalizadas, agora com o suporte governamental, a Negro Interior conta com o acervo de cerca de 20 municípios (antes eram 6).

A Exposição Fotográfica Itinerante, hoje sob os cuidados do secretário de cultura de Monte Azul Paulista, o artista plástico Marcelo Moraes, visa criar uma imersão nos modos de existir do negro no interior paulista, com ações e reflexões voltadas ao contexto social da primeira metade do século XX.

Busca trabalhar o conceito de que, ao denotar a inserção cultural negra dentro da sociedade caipira de SP, que não somos apenas nossos laços de sangue: a culinária, o modo de vestir, as linguagens e o viver africano, hoje, estão inseridos no ser brasileiro. Chegamos, então ao ponto: "se Cultura não é ilusão, todos somos negros".

Afinal, somos mais do que sangue. Somos seres culturais.

Mais informações no sítio www.agcip.org.br.

Farmacêutico de formação, **Januário Theodoro de Souza** (1909 - 1984) levou seu ofício a Pradópolis em 1.936. Mas fez mais: desempenhou importante papel político no então Distrito de Guariba que alcançaria, no final dos anos 50, sua emancipação, tendo Januário como o primeiro vice-prefeito da história local

O Governo do Estado de São Paulo, o Sistema Estadual de Museus - SISEM - SP, a ACAM Portinari Organização Social e a AGCIP - Associação de Gestão Cultural no Interior Paulista «Prof. Gilberto Morgado» convidam para uma imersão nos modos de existir do negro no interior paulista da primeira metade do século XX.

EXPOSIÇÃO
FOTOGRAFICA
ITINERANTE

NEGRO INTERIOR

se Cultura não é ilusão
TODOS SOMOS NEGROS

SAIBA MAIS SOBRE A EXPOSIÇÃO
ITINERANTE NEGRO INTERIOR

Contate o Sistema Estadual de Museus - SISEM
Telefone (11) 2627-8208 - sisem@sp.gov.br



Realização



+ FOTOS? veja nas próximas
páginas da Culturando

Acima, cartaz oficial da
exposição itinerante

São Carlos nos brinda com **Odette dos Santos** (1929 – 1961). Sua família teve importante papel, junto às famílias dos trabalhadores negros da Cia. Paulista, na fundação do Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio, em maio de 1928. Foi uma das criadoras da primeira escola de dança de salão em São Carlos. Conhecedora de muitos instrumentos de percussão, tinha ritmo e sensibilidade invejável para música. Fundou a primeira escola de samba da cidade: "Odette e sua Escola de Samba", participando dos programas pré-carnavalescos da rádio local e também no teatro (na foto, colorida à mão pelo antigo método americano). Ela foi reconhecida, ao longo de décadas, como a principal carnavalesca da cidade, recebendo títulos como: a "Dama do Samba" e "Madrinha dos sambistas e das Escolas de Samba de São Carlos". Odette dos Santos dá nome ao Centro Municipal de Cultura Afro-brasileira, que recebe a Negro Interior a partir da Virada Cultural no Interior Paulista (22 de maio).





Acervo Museu Histórico/Guariba

Negro: de apelido a nome do Brasil

Pesquisa: Marcos Favaretto
Edição: Luiz Felipe Nunes

Por volta de 1888, quando as estradas de ferro sangravam todo o interior do estado de São Paulo, abrindo nossas cancelas para o progresso, o Brasil ainda trazia muitas características da sociedade escravocrata. Os negros, naquele ano conquistaram uma liberdade, mas suas necessidades básicas de cidadania, como independência financeira, condições de trabalho, moradia, inclusão social, estavam longe de ser garantidas pelo governo brasileiro, que já traçara o modelo europeu como forma de desenvolvimento. Portanto, os negros eram descartados como mercadoria sem uso.

Os também chamados 'pretos', à época, viveram estes anos todos sob forte preconceito racial. O processo de liberdade não foi amparado por políticas públicas de inclusão dos ex-escravos. Cem anos se passaram para a nação brasileira começar a incluir os negros em sua política branca, na Constituição de 1988.

Dois historiadores pesquisados pela Culturando não deixam dúvidas sobre a importância de se implantar, imediatamente, em todas as escolas brasileiras, o ensino da história e da cultura africana.

Enquanto leem a matéria, aproveitem e façam uma imersão no afro-brasileiro do interior paulista: as fotos são da Exposição Itinerante Negro Interior, foco da matéria anterior.

O primeiro é o prof. Valdemir D. Zamparoni, no artigo "Quem Conhece a História desse Povo?", que coloca importante eixo na questão: trazer à tona a identidade do negro para entendê-lo mais

a fundo como construtor do ser brasileiro passa pelo conhecimento da História, mas para além de ideologias — deve-se fazê-la presente como referência cultural.

Zamparoni é professor do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, no Centro de Estudos Afro-Orientais, ambos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Destaca que as 66 milhões de pessoas negras ou descendentes da etnia (44% dos brasileiros, em dados dos anos 90) fazem do Brasil a segunda maior nação negra do mundo, perdendo apenas para a Nigéria.

O professor destaca que a marca da escravatura e a hegemonia branca obscurecem essa realidade.

"Esta farsa de olhar e não ver, ou não querer ver, está plenamente estampada no ensino brasileiro. Quem olha para os currículos escolares, do primeiro grau à universidade — salvo raras exceções — não vê a presença negra, senão restrita a algumas lamúrias ou poucas páginas dedicadas à escravatura", ressalta Zamparoni.

Já o professor Henrique Cunha Junior, da Universidade Federal do Ceará (UFCE) parte do universal: ressalva que quaisquer materiais didáticos sobre a história da humanidade — e mesmo sobre a economia do Capitalismo — necessitaria, fundamentalmente, de conter conhecimentos sobre a história africana.

Ainda quanto à introdução do Capitalismo na sociedade moderna, o docente explica que as relações de trabalho-capital realizadas no escravismo brasileiro são modelos já amplamente aplicados em contatos anteriores entre africanos e europeus.

"As tecnologias utilizadas nos ciclos econômicos brasileiros são de origem africana e, as formas de produção são altamente

dependentes do tipo de mão da obra e dos estágios civilizatórios das nações africanas. A história política brasileira inicialmente é do escravismo e da alternativa política dos Quilombos, este último, produto das formas organizativas africanas reelaboradas para a realidade brasileira”, comenta Cunha Junior. Ele ainda reforça o argumento de Zamparoni, no artigo “Justificativas para o Ensino de História Africana”, onde argumenta que “pela cultura e pelas construções de identidades dos Afrodescendentes e em nome das pluralidades culturais são justificáveis a presença da história africana como fundamento do conhecimento da história nacional”.

EUROCENTRISMO

É clara a formação eurocentrista dos

materiais escolares, encobrendo a forte presença africana em nossa cultura; como se fosse um apêndice da história europeia, sobretudo quando da hegemonia dos europeus, quando traços culturais asiáticos e africanos desaparecem.

“Meu bisavô na África
foi arquiteto,
meu avô construtor
no Brasil colônia
e hoje eu moro
debaixo da ponte”.

Isso resume
nossa pobreza,
consequência de uma
dominação escravista
e racista que
nos empobreceu
sistematicamente
nos dois lados
do Atlântico.

A nossa consciência
histórica é a chave
para nossa participação
cidadã no país.

Henrique Cunha Junior

“Fica-nos a impressão de que (Ásia e África) deixaram de ter História, de existir. Qualquer brasileiro que tenha passado pelo primeiro grau certamente já ouviu falar da cidade estado grega, do Império Romano, do Sacro Império Romano-Germânico, das potências aliadas; de Alexandre, Nero, dos vários Luíses, Napoleão, Churchill, Roosevelt, Hitler ou Stálin, mas quem já ouviu falar dos Ashantis, Yorubas, Haussas, Pehuls, Fulas, Bakongos, Makondes, Xhosas, Macuas e Swahilis? E do império

do Monomotapa, dos reinos do Daomé,

do império Vátua, da Rainha Nzinga, de Mussa Keita, de Sundjata, de Tchaka e Ngungunhana, Amílcar Cabral, Patrice Lumumba, Julius Nyerere ou Samora Machel? Alguém já estudou a respeito? Já ouviu sequer falar?”, questiona Zamparoni, da UFBA.

Isto infelizmente não se restringe à História enquanto disciplina. Nos currículos das universidades brasileiras poucas são as disciplinas destinadas ao estudo das literaturas ou artes africanas. Estas, em geral, pegam carona nas disciplinas dedicadas à literatura e artes portuguesa, inglesa ou francesa.

Isto na feliz hipótese do docente encarregado das mesmas ser uma pessoa sensível a estes assuntos. “Quantos já leram ou ao menos ouviram falar de Luandino Vieira, José Craveirinha, Pepetela, Luís Bernardo Honwana, Mongo Beti, Birago Diop, Amos Tutuola, Chinua Achebe, Sembéne Ousmane ou ao menos do prêmio Nobel de Literatura, Wole Soyinka? Quantos universitários brasileiros já ouviram falar da rica e expressiva escultura makonde?”, finaliza o estudioso.

Nesse sentido, Henrique Cunha Junior, da UFCE, traz dado histórico fundamental para a questão: cerca de sete séculos antes do boom de desenvolvimento e ímpeto de Portugal e Espanha (séculos XIV e XV), ambos países foram colônias dos Mouros, povo formado da fusão entre africanos islamizados e árabes.

Foi essa colonização, segundo o estudioso, que propiciou o avanço dos países ibéricos, já que os conhecimentos técnicos e científicos na África e Mundo Árabe eram maiores do que na Europa, antes das chamadas Grandes Navegações.

Nesse período, mesmo após a expulsão dos Mouros da Península Ibérica, portugueses e espanhóis continuam a receber contingentes de técnicos e artesãos africanos em suas cortes; isso sem falar nas rotas África/Europa, que passavam estrategicamente por Portugal e Espanha — mais um reforço ao desenvolvimento destas nações naqueles séculos. ▶



Na música e na profissão, **Luiz Honório (1905 – 1942)** foi um pioneiro. Nascido em Taiúva, passou por **Fernando Prestes** e chegou a **Cândido Rodrigues**, onde foi o primeiro farmacêutico da cidade. Foi clarinetista da **Banda Municipal** do município, dirigida pelo maestro **F. Sanná**.

FILOSOFIA À SERVIÇO DA DISCRIMINAÇÃO?

Prof. Valdemir Zamparoni cita influências de filósofos, como Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831), um dos que expressou o chamado idealismo alemão, na construção de uma visão eurocentrista da História Universal. Vejamos trechos do ideário hegeliano ligado à questão:

A África, afirmava o filósofo alemão, não tem "... interesse histórico próprio, senão o de que os homens vivem ali na barbárie e no selvagismo, sem aportar nenhum ingrediente à civilização"

E Hegel acrescenta: "Nesta parte de África - referindo-se à África negra - não pode haver na realidade histórica. Não há mais que causalidades, surpresas, que se sucedem umas às outras. Não há nenhum fim, nenhum Estado, que possa perseguir-se; Não há nenhuma subjetividade, senão somente uma série de sujeitos que se destroem."

"Em suma, para um conhecimento aprofundado do colonizador português, é imprescindível uma base da historiografia africana. O próprio nome de Brasil não teria uma explicação tão pueril como a que é apresentado nas nossas escolas, relacionando erradamente com a madeira de cor vermelha abundante no passado na nossa faixa litorânea.

O nome mais provavelmente

vem da conexão Africano-Árabe e do conhecimento que estes povos tinham sobre a existência de terras americanas. Conhecimento obtido muito antes das viagens de Colombo e Cabral às Américas", complementa Cunha Junior.

Ou seja: mesmo nossa identidade maior — o nome de nosso país — pode ser parte de um "esquecimento" sobre suas reais origens históricas. Para o professor Cunha Junior, assim como transparece para Zamparoni, não há como conceber o ensino da história brasileira (econômica, política e cultural), a partir de 1500, sem uma imersão, mais profunda e com menos distorções, na história africana. Se isso não ocorre, além do eurocentrismo, há também doses cavalares de racismo.

"A exclusão da História Africana é uma dentre as várias demonstrações do racismo brasileiro. Ela produz a eliminação simbólica do africano e da história nacional", conclui Cunha Junior.



Hegel, a exemplo de outros grandes pensadores, embriagava-se por ideias de sua época e não enxerga o negro como civilização, produtor de cultura ou senhor de suas nações



Fazendeiro de Córrego Rico (distrito de Jaboticabal), **Manoel Barbosa** entrega saia do café (em foto dos anos 40); além de multi-proprietário jaboticabalense, foi Festeiro de São João Batista, tradicional quermesse do distrito

Protagonistas da saúde, segurança e alegria de uma cidade

Colaboração: Olga Beatriz Souza Ferraz

Quem visita o Centro Médico Social Comunitário de Pradópolis, pode ver a placa de fundação, datada de 1.987. Lá consta o nome do homenageado, falecido três anos antes: **Januário Theodoro de Souza**. Se o leitor não conheceu Januário, imagina que ele trabalhou na área da saúde — está parcialmente certo, pois este homem fez muito mais.

Nascido em 1.909, em Ribeirão Preto, Januário cursou farmácia, mostrando rara habilidade nas práticas de manipulação quando, na época de estudos, era sempre o assistente dos professores.

Corria o ano de 1.936 quando ele mudou-se para um lugarejo, Distrito de Guariba à época: Pradópolis. Lá abriu a "Pharmacia" Sagrado Coração de Jesus; logo conquistava o povo hospitaleiro com seu conhecimento e simpatia.

Foi casado com Maria Lucas, falecida em 18 de janeiro de 1951. Dessa união conjugal nasceram os filhos: Maria de Lourdes, Olga Beatriz, Jandira, Luiza Christina e Fernando Januário.

POLÍTICA

Januário, antevendo o potencial de crescimento de Pradópolis, adotou como bandeira aluta por sua emancipação: começava uma ação política que o colocaria na história local.

Mesmo antes dessa conquista, Januário

havia sido nomeado suplente do Juiz de Paz do Distrito de Pradópolis por duas vezes (1.939 e 1.942)

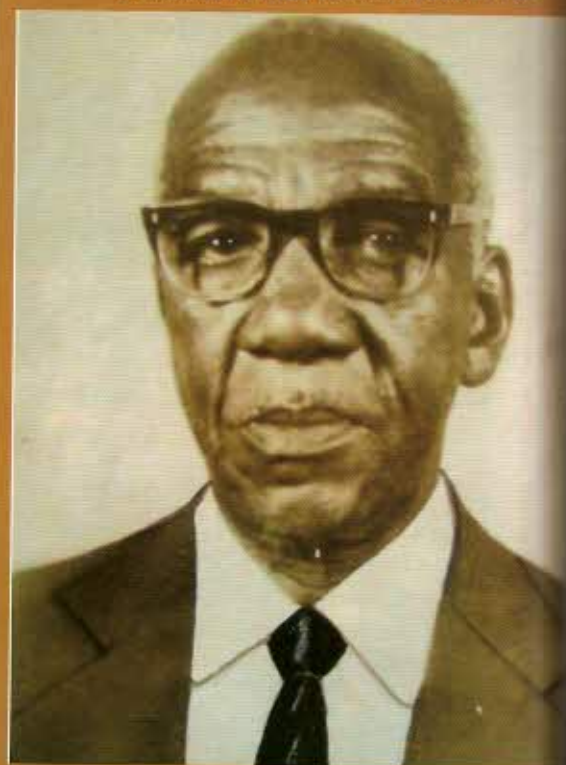
Foi eleito vereador por Guariba nos quadriênios 1947/1951 e 1952/1955, representando Pradópolis. Em 1.948, então o prefeito de Guariba, José da Silva, nomeou-o, como subprefeito do Distrito.

Mas a grande conquista ainda estava por vir: em 5 de outubro de 1958, o deputado federal João Mendonça Falcão envia telegrama a Januário, comunicando a aprovação da criação do município de Pradópolis.

Um ano depois, a primeira eleição: o prefeito eleito foi Nelson Ometto, tendo como vice ele, Januário Theodoro de Souza. Ometto governou em 1.960 e renunciou: Januário assumiu a prefeitura no entre 1961 e 1963, iniciando o serviço de saneamento no novo município.

Ele ainda foi vereador entre 1964/1968 e 1973/1976. Foi vice-prefeito mais duas vezes: 1969/1972 e 1977/1982, nas gestões de Orlando Ometto.

Pai exemplar, farmacêutico, parteiro, conselheiro e político: não mediu esforços



para que Pradópolis tivesse autonomia. Nunca se omitiu para socorrer um doente sequer — Januário estava sempre pronto a servir.

Bento Alberto dos Santos, mais conhecido como **Bento Preto**, nasceu em Urindiúva - RJ, em 1.900; com ele, o Carnaval pradopolense jamais seria o mesmo.

Bento Preto alegrava o Carnaval de Rua local, ao sair fantasiado junto com seus amigos: foi índio, jogador de futebol e revelou muitas outras facetas para uma praça central que exalava as marchinhas de Carnaval por alto-falantes, em frente ao bar do José Ferraz.

Era comum ver Bento Preto e um amigo de "casal": um vestido de homem e outro de mulher — era impossível não se animar ao passar pela rua, como bem lembra a filha de Bento, Semilda Estevão da Silva, dedicada funcionária do Centro Médico de Pradópolis.

A cidade perdeu em alegria após sua última folia, em 1.963.



Como amigo Augusto de Campos, **Bento Preto** foi a alma da folia de Pradópolis (foto de 1.957)

José Bernardes, nascido em 1.920, casado com Laura de Sousa Bernardes e pai de 13 filhos, era mais conhecido como **José Soldado**.

Como policial militar, foi destacado para Pradópolis, antiga Vila Nova, em 1.958: foi o primeiro soldado a prestar serviços à comunidade pradopolense, onde trabalhou até a aposentadoria.

Faleceu em 1.996, restando mais uma trajetória de trabalho como exemplo aos vindouros.



José Soldado, nos anos 50